

# GÊNERO E MERCADO MATRINOMIAL EM *SENHORA DE JOSÉ DE ALENCAR*

VALDECI REZENDE BORGES \*

---

## RESUMO

A intenção neste artigo é perceber quais representações foram edificadas por José de Alencar nas páginas de *Senhora* acerca das relações entre homens e mulheres diversos que, oferecidas ao público leitor, se tornavam modelos de masculinidade e de feminilidade, positivos e negativos, ao tratar do problema da troca mercantil de pessoas nas relações matrimoniais, no casamento constituído como empresa e como negócio. Procura-se observar as imagens e figuras do masculino e do feminino aí presentes, os comportamentos e sentimentos, destacando as práticas, os valores, as posturas e atitudes tidos como comuns mas, sobretudo aqueles que, em oposição à dita normalidade, fazem com que o “outro” rompa com o estabelecido e o avesso sobressaia.

**PALAVRAS-CHAVE:** José de Alencar, *Senhora*, gênero, masculinidade, feminilidade.

## ABSTRACT

This paper aims to realize which representations of the relationship between men and women José de Alencar built in his novel *Senhora*. It focus on those ones which, once offered to the reading public, became positive and negative models of masculinity and femininity in his dealing with the problem of market exchange of individuals in marital relations and of marriage as an enterprise and business. Besides images and figures of male and female in such representations, it seeks to understand feelings and behaviors, so that to highlight practices, values, stances, and attitudes taken as common and, above all those ones that, seen as opposed to the so-called normality, makes the other breakthrough and - in so doing - reveal the reverse.

**KEYWORDS:** José de Alencar, *Senhora*, gender, masculinity, femininity.

---

*Senhora* trata da mercantilização dos indivíduos na sociedade fluminense de meados dos oitocentos que se modernizava. Nele, deparamo-nos com diferentes imagens femininas e masculinas, na medida em que se trata da mercantilização de um homem que se prostitui ao vender-se no mercado matrimonial pelo preço de um dote e das especulações concernentes a tal universo empreendidas por uma mulher. Nessa arena de forças, confrontam-se definições e modelos distintos de masculinidades e de feminilidades, de relações entre homens e mulheres, histórica e socialmente, determinadas com base nas percepções das diferenças entre os sexos. Assim, perguntamos: Como o pensamento alencariano apresenta tais formas, por vezes contraditórias, de considerar o que é ser homem e mulher? De compreender o que é próprio do masculino e do feminino?

Ao lidar com tais questões relacionadas com as desigualdades sociais entre homens e mulheres, a categoria gênero ocupa um lugar específico e importante nos estudos históricos atuais. Ela possui caráter, basicamente, relacional e destaca que os perfis de comportamento, entre o feminino e o masculino, definem-se em função um do outro, sendo constituídos em determinados contextos sociais, culturais e históricos. As relações nesse campo fundamentam-se nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos e em formas primárias de exercício de poder, requerendo, ao estudá-las, evitar as oposições binárias e naturalizantes, sendo necessário mostrar que as referências sexuais são culturalmente produzidas.<sup>1</sup>

Na busca de revelar que as diferenças sexuais e os papéis sociais são construções culturais, possuindo significações históricas e sociais erigidas e designadas de forma relacional por homens e mulheres, devemos nos ater aos papéis normativos, aos comportamentos atribuídos a cada sexo nos discursos e nas representações edificadas, os quais são vazados por significados e jogos poder. As relações entre os sexos não são naturais, mas fatos sociais e históricos construídos e remodelados constantemente, e as representações tecidas sobre essas são matrizes das práticas culturais.<sup>2</sup> Logo, num viés relacional, buscamos focar alguns aspectos das interações de gênero nas representações de Alencar em *Senhora*.

## O domínio feminino e a inversão das relações de poder

Aurélia, a personagem feminina central do romance, possui comportamentos e atitudes que se afastam e desviam do padrão hegemônico do viver e sentir histórica e culturalmente estabelecido e aceito como normal às mulheres da elite carioca do momento. Ao romântico Alencar, em desalinho com algumas dimensões do processo civilizador em andamento e em avanço, em oposição a certos aspectos da modernidade que se desenhavam, interessavam ora a tradição, ora as posturas originais, as “aberrações” e não o comum, aquilo que estava em adequação com o comportamento geral e imediato. Valia-se das “exceções” como elementos a serem generalizados na sociedade, ao entrarem em processos variados de circulação e apropriação, como exemplos a serem seguidos e multiplicados na estruturação de novas subjetividades do público receptor e na configuração de outra realidade social.

*Senhora* expressa uma atitude ambígua ante ao mundo, ora crítica, por ser oposição, ora supostamente neutra, por destacar algumas facetas sem condená-las. Veicula propostas alternativas à constituição das práticas sociais das elites do momento, marcadas pela dissolvência das formas tradicionais de viver, pensar e agir. É reação de hostilidade e de recusa a alguns aspectos presentes na vida social, vista como corrompida, decadente e opressora, permeada pela perda dos valores qualitativos ligados à moral, à religiosidade, à espiritualidade e aos sentimentos. Ressaltam-se os valores vistos como mais elevados e puros, ante o privilégio dos quantitativos, de troca e racionais, das relações mercantilizadas, coisificadas e calculistas do imaginário burguês. Valoriza a natureza, facetas do modo de vida tradicional, o amor puro e a figura idealizada da mulher, numa leitura política da sociedade.

O livro, publicado em 1875, é considerado o principal romance urbano do autor. Sua heroína, Aurélia, como o nome indica, tanto representa o ouro, devido a sua riqueza, ao ter raiz no latim *aurum*, quanto remete a auréola, círculo dourado, brilhante das imagens sacras ou esplendor e glorificação moral, o que atrela sua figura à de uma santa e a afasta do pensar dominante de que as mulheres eram, por natureza, moralmente inferiores aos homens. Na sua edificação, tem-se como ideia básica, mas sutil, que, nas camadas populares e

nos habitantes do interior do país, ainda não contagiados pela invasão das normas e hábitos estrangeiros, associados à elite, residem a alma e o espírito puros, a honradez e integridade de caráter.<sup>3</sup>

Aurélia corporifica a beleza, a princípio, “rústica e plebéia” e, depois, ao enriquecer, a “formosura, a suprema graça feminina”, cingida nos salões com a “auréola da elegância”. Ela ainda encarna a figura da mulher moralmente superior ao homem, que teve formação firme, erigida num ambiente social popular, humilde e decente, no qual tivera “excelente educação”. Era moça, órfã, que, ao receber uma herança, passou por mudanças rápidas em seu viver e atitudes, “não, porém no caráter nem nos sentimentos”. Vivera 18 anos “na extrema pobreza e um no seio da riqueza”, para qual fora “transportada de repente”, tendo “as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência”, do dinheiro “como um tirano” ou “um cativo submisso”. Na sociabilidade dos salões, espaços privilegiados das donzelas ricas se exporem com vista a um namoro e casamento, tornou-se “deusa” dos poetas e “ídolo dos noivos em disponibilidade”. Resistiu a vários pretendentes interessados em sua riqueza, escolhendo casar-se com aquele a quem amava, o folhetinista e empregado público Fernando Seixas, que configura dois modelos de masculinidades opostos ao longo da narrativa. Este que, embora, como seu nome aponta, deveria ser e significar para ela proteção e coragem, teve percurso dominado pela simbologia de seu sobrenome, que indica um fragmento de rocha que desgastado rola. Moralmente decaído, prostituiu-se ao se vender por um dote, até ser regenerado pelas mãos de Aurélia e tornar-se a figura do homem e do esposo ideal.<sup>4</sup>

O conflito entre amor e riqueza, o confronto do indivíduo com a sociedade e seus padrões morais coercitivos, que definem as pessoas conforme seu sexo, oprimem, enrijecem e homogeneizam as práticas sociais, são expostos com ironia, desencanto e ceticismo. Denunciam-se a mercantilização e o depauperamento das relações levados a cabo pelas elites na sociedade moderna, mediante uma lógica calcada nos bens materiais e no monetarismo, combatendo o casamento por interesses político e econômico, sobretudo, do dote. A moça e o rapaz inseriam-se numa ligação ambígua e conflituosa, fundamentada na busca do amor puro em tensão com as vantagens materiais e

financeiras almeçadas por aquele, mesmo que se amando mutuamente. Assim, expõe-se a tensão ininterrupta entre o ideal masculino, edificado por Aurélia, representado por Fernando, contra uma masculinidade estabelecida e praticada histórica e socialmente, figurada em Seixas, com seus valores e suas atitudes, como negativa.

No processo de questionamento do dote, ao mesmo tempo em que a prática decaía, as ideias a seu respeito sofreram mudanças. No decorrer do século XIX, houve manifestações de oposição a ele, e Alencar fora defensor das novas ideias. Combateu o dote e a especulação ao redor deste. Com *Senhora*, “um romance que seria mais bem descrito como um tratado contra o dote”, realizou sua crítica mais veemente a tal regime. Fornecera “dois argumentos contra o dote: um deles dirigido às mulheres, indagando se elas queriam ser amadas por si mesmas ou por seu dote; outro, aos homens, sugerindo que não tinham dignidade se se vendiam por um dote”. Além do dote, problematizava-se, ainda, o rumo das transformações sociais, discutindo seus padrões sociais, valores, comportamentos e sentimentos; o lugar ocupado por mulheres e homens na sociedade, as expectativas neles depositadas, perscrutando seus anseios, sonhos e possibilidades, balançando o edifício da hegemonia masculina.<sup>5</sup>

O escritor condenava muito do que via a seu redor, ao investir contra o mundo urbano da elite e atacar suas práticas e costumes, pois a sociedade transformava-se, tornando-se, ainda mais movida pelo dinheiro, preocupada com a ascensão social por ele conferido, com a exposição dos seus signos para inserir-se e ser aceito, além da afinação com o imaginário da modernidade europeia. Representava esse ponto de vista e postura a jovem herdeira, que possuía “indignação por essa turba vil e abjeta” de adoradores, que se humilhavam “ante sua riqueza”, trazendo “expressão cheia de desdém e certo ar provocador”. Considerava “o ouro um vil metal que rebaixava os homens” e “reagia contra essa afronta” de uma sociedade prostituída, com heroísmo, havendo “virtude na altivez dessa mulher”.<sup>6</sup>

No combate a essas práticas materialistas, o universo da espiritualidade, da religião e da hagiografia das santas foi invocado. Aurélia, associada ao sagrado por meio de seu nome, que remete ao círculo brilhante e luminoso que

envolve a cabeça dos santos, teve sua imagem ainda aproximada àquela de Nossa Senhora da Conceição, que, sobre o globo terrestre, pisa a serpente do mal. Meio à “adoração” e ao “culto”, seu comportamento era “um desafio, que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como a um réptil venenoso”. Suas “revoltas mais impetuosas [...] eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa, a vassalagem que lhe rendiam.” No “mercado matrimonial”, o casamento, um “negócio”, quem possuía riqueza e boa fama podia obter “cotação muito alta” na sua bolsa de valores. Na arena da “empresa nupcial”, Aurélia e Seixas, como nas transações comerciais, debatiam-se e se confrontavam em situações próprias do mercado, indicadas na divisão do livro com “linguagem financeira”: *O preço, Quitação, Posse e Resgate*. Assim, retratava a expansão dos sistemas bancário e financeiro e a difusão de suas práticas no meio social fluminense.<sup>7</sup>

Em *O preço*, tratou-se, com sarcasmo, da contratação e das bases contratuais do matrimônio de conveniência, do regime de bens e do valor do dote, uma soma vultosa, oferecida por Aurélia, dos “recursos da dialética materialista” usados no ajuste do casamento com o homem vicioso. Ela conhecia a sociedade fluminense, na qual tais “arranjos são muito comuns”, e estava afinada com as práticas europeias, em que o contrato de casamento era característico da elite, ao passo que os despossuídos se casavam sem este. Sabedora das convenções sociais, que estipulavam que uma jovem sem dote tinha todas as possibilidades de permanecer solteira, buscou fugir do estigma de solteirona. Julgava que “precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas”, conforme o receituário social, ao contrário, como outras donzelas sem posses, “estaria condenada à mesquinha sorte do aleijão social que se chama celibato”. Corria na sociedade que “não era fácil que aparecessem pretendentes à mão de uma menina pobre e sem proteção”. Como era rica, estabeleceu o dote e, como o rapaz que amava “estava no mercado”, o comprou.<sup>8</sup>

Seixas, representando um modelo de masculinidade condenada, como muitos outros rapazes casadoiros, compelido pelo fetichismo dos salões, do consumismo e do luxo da vida elegante, corroía suas economias e posses

escassas, recebimentos parcos de escritor, jornalista e funcionário público, na busca de inserir-se noutra classe social, elevando-se; considerava, ao ver “os exemplos” ao redor, que “o casamento era meio tão legítimo” de adquirir a riqueza “como a herança e qualquer honesta especulação”. O caça-dotes, embora dissesse que “amava sinceramente” a heroína, abandonou-a quando pobre, por não ter bens, para casar-se com outra “por seu dote, um mesquinho dote de trinta contos”, até que recebeu a “proposta” de esposar noiva de identidade e feições ocultas, em regime de “separação de bens”, mas recebendo “a quantia de cem contos de réis de dote”. Na Corte, como na Europa, um jovem sem fortuna, mas com diploma e um futuro profissional pela frente, poderia desposar moças mais ricas. Seixas, embora não tivesse a carta de bacharel, caminhava, além da função de empregado público, para a literatura e o jornalismo, que também ofereciam certo prestígio e compensavam o abandono de seus estudos em Direito.<sup>9</sup>

Aurélia, atenta observadora das práticas sociais, ao apreciar os arranjos de casamento que eram “muito comuns no Rio de Janeiro”, os quais se faziam “todos os dias”, aprendeu, com as experiências, os procedimentos da política matrimonial e estabeleceu os termos do “negócio”. Desejosa de “comprar” sua “felicidade”, pois amava Fernando e necessitava da proteção que ele como marido significava, posto que a sociedade não admitia moças honradas sozinhas e desacompanhadas, mas dependendo de um homem para realizar o arranjo conjugal, considerado um negócio entre homens, do qual mulheres não participavam, incumbiu seu tutor e representante de fazê-lo, por ser função e papel definidos culturalmente como masculinos. Este, sob o domínio absoluto da moça, expressava sua forma de ver o mundo: a vida não era senão como “uma quitanda”, em que “desde que nasce um pobre diabo até que o leve a breca não faz outra cousa senão comprar e vender”, os “ricos alugam os seus capitais; os pobres alugam-se a si, enquanto não se vendem de uma vez, salvo o direito do estelionato”.<sup>10</sup>

Já em *Quitação*, efetivado o contrato, “a realização do mercado, que ele havia feito de sua pessoa”, e estabelecida a “realidade triste” de “mulher traída” e de “homem vendido”, que “se alienara sem conhecer” a quem, em retrospecto, encontra-se a história da heroína. História dos tempos de pobreza

e de seu enriquecimento, quando passou a açular “a fome do ouro nos cavalheiros do lansquenete matrimonial”, até que “concluiu o mercado” ao “comprar um marido”. As perspectivas e as estratégias para as moças mais humildes de arranjar um protetor e ascender socialmente por meio de um “casamento refletido e preparado”, de conveniência, foram, desde cedo, apontadas por sua mãe, viúva. Ela insistia em vê-la “à janela todas as tardes”, como faziam as donzelas sem posse, por mais que isso fosse para a jovem “um suplício cruel”, expor “sua beleza com mira no casamento”. Era costume social vicioso, degradante e execrável a exposição feminina ao público, e o conflito interno expunha a tensão entre agir contra a natureza, mas em adequação aos hábitos urbanos.<sup>11</sup>

Foi depois de vencer “a repugnância que lhe inspirava semelhante mostra de balcão”, de pôr-se à venda, e fazer correr toda uma turba de namoradores, que não usavam mais “do meio trivial e anacrônico do casamento” para ter uma moça, deixando-a desonrada, que Aurélia conheceu Fernando e “inebriu-se da suprema felicidade de viver amante e amada”. Mas, ao ser abandonada por ele, perder o irmão e a mãe, e depois receber a herança, por orgulho, voltou ao mercado, entrou no jogo e comprou Seixas. Ao recebê-lo, passou a fugir dele como “se receasse o contágio do homem a quem unira”, pois “reduzido à mercadoria ou traste”, do qual se fazia “a cotação, como se usava outrora com os lotes de escravos”.<sup>12</sup>

Para Aurélia, o abandono pelo namorado, não por amor a outra mulher, mas pelo dote daquela, constituía na degradação moral do sujeito amado e esse era “seu crime”, assassinava “um coração que Deus criou para amar, inculcando-lhe a descrença e o ódio”. A riqueza que Deus lhe concedeu chegara tarde e nem lhe permitiu “o prazer da ilusão, que têm as mulheres enganadas”, uma vez que, quando a recebeu, “já conhecia o mundo e suas misérias; já sabia que a moça rica é um arranjo e não uma esposa”. Assim, pensou que a riqueza serviria para dar-lhe a satisfação de “mostrar a esse homem, que não [a] compreendeu, que mulher o amava, e que alma perdeu”, embora ainda afagasse a esperança de que ele recusasse “nobrememente a proposta aviltante”. Como a aceitou, matou-lhe o coração concluindo o mercado, restando-lhes apenas continuar a “comédia” que era a vida conjugal.<sup>13</sup>

Em *Posse*, feita “a transação”, que transformou Fernando de sujeito protetor em objeto vil, de indivíduo esperado como proteção, mas consumado num “marido aviltado” e “escravo branco”, ou em seixo, aos olhos da esposa, ao invés da esperada consumação carnal do “santo amor conjugal” – expressão que indica o espaço e a condição aceitos culturalmente para a prática sexual sem desqualificação da mulher –, viveram separados “por um divórcio moral”. Separados pela opinião, da qual o indivíduo era tributário para tornar-se membro participante da sociedade, ao ter seu pertencimento recusado, perdida sua honra, significando imagem negativa de homem, fora excluído do templo sacralizado das práticas sexuais, a alcova do casal, experimentando “humilhações”, “escárnios” e “mortificações” presentes na “vingança brutal” e obstinada daquela. Vingava pela “desafrenta de seu amor ludibriado” contra o homem “que a traficava”, ente “depravado e vil”, que, por ela humilhado, permanecia “tranquilo e disposto a aceitar a terrível situação”, sujeitando-se, covardemente, à degradação, mesmo se sentindo ofendido, ultrajado em sua honra. Para ela, novo ideal feminino, do contrário, caso agisse de outra forma, estaria comportando-se como outras “tantas mulheres neste mundo”, submissas e resignadas, e isso “seria a profanação deste santo amor”.<sup>14</sup>

Portanto, a atitude da heroína subvertia o estabelecido culturalmente e afrontava o poder e a honra masculinos, ao recusar ao marido aquilo que era socialmente considerado como seu por direito. Por ter consciência de sua ofensa à noção de honra pessoal do esposo embasada nos costumes, e por esperar por ação que lhe cobraria a reparação, ao avaliar a situação que ela própria havia criado, pensava que “depois do que se havia passado entre ambos, na noite de seu casamento, [...] só havia para Seixas dois meios de quebrar o jugo humilhante a que o tinha submetido. Não restava senão matá-la a ela, ou matar-se a si.” Lúcida, ficara preparada para uma dessas soluções ancoradas na cultura, mas atrevida, rompia ainda mais com a imagem da mulher submissa e resignada, vislumbrando maior desplante e insulto, ao desejar vê-lo a seus pés: “às vezes seu coração afagava uma *esperança impossível*. Se o homem a quem amava, se ajoelhasse a seus pés e lhe suplicasse o perdão, teria ela forças para resistir e salvar a dignidade de seu amor?”<sup>15</sup>

Com suas ações transgredia o costume social comum, que era aceitar o casamento de conveniência e entregar-se àquele tipo de homem que a aviltava com suas ações. Apresentando novas bases para a experiência conjugal, enfatizava o quanto era mesquinho e uma afronta à pessoa o que o rapaz fizera, embora, com exceção das pregações dos moralistas, fosse um ato lícito e de costume comum naquele meio social. Ele não fazia nada de criminoso, mas Aurélia tornou-se seu algoz e o condenou, ao falar, ao tornar público o que estava subentendido, ao revelar a hediondez do que, enquanto oculto, era aceitável.<sup>16</sup>

No processo de tomada de posse, Seixas ao incorporar posturas de “marido”, de acordo com Aurélia, “nome de convenção”, por um lado, passou por mudanças em seu comportamento, distando daquele vivenciado como moço solteiro e do modelo negativo de masculinidade. Visando tornar-se o tipo ideal do esposo, revelou as atitudes aceitas e cobradas, os *deveres* e *obrigações* de “um marido elegante, de boa sociedade e maneiras distintas”. Por outro, experimentou novas e inusitadas situações criadas pelas inversões impostas pela mulher, que mandava por ter dinheiro, enquanto, culturalmente, o domínio era atribuição masculina. Ao tratar de tais práticas, muitas singulares pela situação criada, por meio de diálogos, reflexões consigo mesma ou pelas palavras do narrador, emerge do texto uma crítica ácida da vida conjugal marcada por submissão, falta de liberdade, resignação, anulação da individualidade... daquele colocado na posição usufruída, de costume, pelas mulheres, que, no caso, por ser um homem, trazia tensão e desconforto às cenas.<sup>17</sup>

Por fim, em *Resgate*, após todos “os choques” entre os dois e suas concepções de masculinidade e feminilidade, dos direitos e deveres próprios de cada um, ocorreu a rescisão do contrato, com o pagamento do valor recebido por Seixas à mulher, e a restituição do marido, coisificado e vendido, “à sua natureza generosa”. Assim, recuperava sua dignidade e honra, sugerindo que as relações matrimoniais dispensavam os contratos que as regiam e que esses eram próprios de outras esferas da experiência social. Desfeitas as mediações contratuais e afastadas as intervenções estranhas ao domínio dos sentimentos e dos afetos, o marido “regenerado” moralmente pelas mãos da esposa, reassumiu sua “liberdade” ao lado daquela, redimida de seu “orgulho” pelo

amor e destituída do seu pedestal e de sua soberania, apontando a retomada do poder masculino.<sup>18</sup>

Alencar, na condenação do matrimônio de conveniência e das “seduções” da “vida faustosa”, práticas das elites, julgadas como males da sociedade urbana, juntamente com sua educação e seus valores, opôs o momento presente, depauperado, ao passado, considerado positivo, além de depositar, nos meios populares, personagens moralmente bem constituídas. Três delas figuras femininas, a mãe de Aurélia, a mãe de Fernando e a própria heroína, representando fortalezas da moral. A segunda dera a suas filhas “a mesma vigorosa educação que recebera, antiga brasileira, já bem rara em nossos dias...” Era educação que “não fazia donzelas românticas, preparava a mulher para as sublimes abnegações que protegem a família e fazem da humilde casa um santuário”. Tal aprendizado formava o caráter da jovem numa “moral severa”, que se constituía em escudo contra o “perigo” que significava a sociedade, tornando os ensinamentos em coerções inibidoras das ações.<sup>19</sup>

Mas Alencar, ao conceber a heroína, não o fez dotando-a de atitudes comumente pensadas como próprias das mulheres, como as tais “sublimes abnegações” e, tampouco, representando o primado e exclusivo domínio da emoção, das expansões puramente sentimentais. Num gesto de valorização da mulher, dos preceitos morais e práticas das camadas populares, que lutavam no cotidiano para ganhar a vida, Aurélia era guerreira “formosa”, de “belo semblante”, que combatia a “sociedade corrompida” com princípios éticos severos adquiridos no espaço sagrado de decente e “humilde casa”. Embora figurada como emocional e sentimental, como tantos discursos consideravam as mulheres no tempo, para fugir ao destino social a elas reservado e imposto, dotou-a de atitudes usuais no campo cultural das práticas masculinas, naturalizando-as. Nesse processo, enfatizou as condições similares nas quais ela e seu irmão cresceram e a “excelente educação” que receberam. Seu perfil foi traçado em oposição ao dele: “A natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que, se não atinge ao vigoroso raciocínio do homem, tem a preciosa ductilidade de prestar-se a todos os assuntos, por mais diversos que sejam. O que o irmão não conseguira em meses de prática, foi para ela estudo de uma semana”.<sup>20</sup>

Enfatizou-se ainda que, em certas “ocasiões, seu espírito adquiria tal lucidez que fazia correr um calafrio pela medula” de um homem experiente e conhecedor do mundo dos negócios. Nesses momentos, com “expressão fria”, mostrava “perfeito conhecimento” dos negócios e, com facilidade, fazia “qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse”; era quando, no lampejo de seus olhos, “brilhavam as irradiações da inteligência. Operava-se nela uma *revolução*. O princípio vital da mulher *abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro*, onde residem as *faculdades especulativas do homem*”. Assim, se, nas práticas culturais dominantes, como doutrinas filosóficas e tantos discursos sociais, elogiava-se o homem, seu poder, racionalidade, inteligência, frieza... vistos como aspectos específicos e naturais masculinos, aos quais a mulher deveria submeter-se, pois instintiva, fraca e perigosa, o escritor a pensou como emotiva, porém racional e inteligente, caracteres vistos como naturais dos homens.<sup>21</sup>

Se várias representações oitocentistas apontam que muitas mulheres eram vistas como frívolas e pouco letradas, nada entendendo de arte, de história, filosofia... conhecimentos que as fizessem “superiores”, Aurélia dista da falta de conhecimento e da superficialidade da maioria das mulheres da elite, como também de uma postura pretensiosa de ostentar erudição que a busca de negar a primeira situação poderia criar. Além de inteligente, foi descrita como alguém que não possuía “nem sombra do ridículo pedantismo de certas moças que, tendo colhido em leituras superficiais algumas noções vagas, se metem a tagarelar de tudo.” Ela, ao contrário, “recatava sua experiência, e só fazia uso, quando o exigiam seus próprios interesses. Fora daí ninguém ouvia falar de negócios e emitir opinião acerca de cousas que não pertencessem à sua especialidade de moça solteira”.<sup>22</sup>

Nesse mundo de especialidades e hierarquias, se, de costume, as mulheres viviam sob o domínio e a direção dos homens, fossem eles os pais, caso solteiras, ou os maridos, se casadas, e apenas as viúvas possuíssem situação oposta, por ser independentes e possuidoras de poder de decisão, Alencar, para garantir a Aurélia a autonomia necessária para levar a cabo seus projetos, dotou-a da companhia uma velha parenta, viúva, que “não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que

naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina”. Só “guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse”.<sup>23</sup>

Imbuída de qualidades e de atitudes culturalmente atribuídas aos homens, Aurélia, após “as lutas do coração”, resolveu “o problema inextricável de sua vida; e *em vez de abandonar-se* ao acaso e *deixar-se levar* pelo turbilhão do mundo”, como ocorria com a grande maioria das mulheres, que tinham seus destinos resolvidos pelo mundo masculino, “*achara em sua alma a força para dirigir os acontecimentos e dominar* o futuro”. Ao desejar casar-se por amor, “um casamento romântico”, via-se “cotejando o seu formoso ideal com o aspecto sórdido que lhe apresentava a sociedade” e entrou “a desprezá-la, e a olhar o mundo como um desses charcos pútridos, mas cobertos por folhagem estrelada de flores brilhantes...”. Antes de ser racional, a heroína era sentimental. Mas, além de possuir um pensamento analítico, que examinava, confrontava e estabelecia objetivos, ela era também mística, religiosa, outra característica romântica importante, era marcada pela fé e crença em Deus. Na luta contra a sociedade e suas “torpes seduções”, aparece como mediadora com o divino e dele instrumento; quando a “riqueza veio surpreendê-la [...] seu primeiro pensamento foi que era uma arma. Deus lhe enviava para dar combate a essa sociedade corrompida, e vingar os sentimentos nobres escarnecidos pela turba dos agiotas”.<sup>24</sup>

As atitudes da heroína, de ruptura com o comum e geral, eram atribuídas por aqueles que se identificavam com o usual, à seu “caráter excêntrico” de “moça espirituosa” e às interações e encontros com outras culturas. Suas práticas tornaram alvo de repreensões por parte de mulheres da elite e presas nas teias das convenções, que traziam bem internalizadas, e agiam coercitivamente. A “maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar desses modos desenvoltos, impróprios de meninas bem educadas”. Outras, mais condescendentes, por mirarem nas novidades europeias, “habitadas à inversão”, que vinham sofrendo os “costumes com a invasão das modas estrangeiras”, consideravam que “o último

chique de Paris devia ser esse de trocarem os noivos o papel, ficando ao fraque o *recato feminino*, enquanto a saia *alardeava o desplante do leão*".<sup>25</sup>

Por tudo, Aurélia era *Senhora*. Além de gestar nos bastidores seu casamento, tornar-se casada, ter propriedades, governar a casa, dirigia suas ações por meio dos conhecimentos adquiridos socialmente, postos, com astúcia, a serviço de seus interesses, mas sem deixar de considerar os princípios morais e éticos. Não era submissa e dependente das vontades e dos desígnios de outros, sobretudo, no geral, de um homem e, em especial, de um marido. A heroína fugia do estabelecido nas convenções públicas, inclusive dos discursos do campo religioso como a pregação católica e da liturgia do casamento, que recorria às *Epístolas aos Efésios*, na qual Paulo tratava dos “deveres recíprocos dos esposos”, e recomendava que as “mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher...” Ela não estava submetida ao marido nem sentada à sombra de homem algum que irradiasse luz sobre ela; possuía sua própria luminosidade, brilho. Foi, ao contrário, seu esplendor moral que envolveu o homem a quem amava e se casou, elevando-o do estado depauperado em que se encontrava e da posição circunstancial própria da condição feminina, pois, como *Senhora*, numa “relação de império e domínio”, era “soberana” e “mandava”, sendo “obedecida” por aquele que julgava a si como um “escravo”. Essa imagem predomina e apenas no último capítulo foi sendo alterada, até ser por inteiro na cena final, quando tudo se inverteu e voltou à normalidade, ou seja, àquilo que a norma estipulava e impunha.<sup>26</sup>

### **A (des)qualificação do homem vendido e das convenções sociais**

Se Aurélia fora edificada como novo modelo positivo de feminilidade e posta em oposição aos moldes que formataram a grande maioria das mulheres, Fernando Seixas fora construído em contrapondo a ela, como homem ambíguo no qual prevalecia a faceta negativa, viciosa. Era moço pobre que trabalhava como empregado público e na imprensa, mas possuía índole poética e fidalga. Tinha “natureza aristocrática”, mas acerca de política alardeava “uns ouropéis de liberalismo”, certamente, por viver em “completa divergência entre a vida

exterior e a vida doméstica”. Esse ideário adequava-se a ele, que aceitava a forma pela qual o mundo estava sendo conduzido, defendia a liberdade de iniciativa, o contrato, a busca individual da felicidade e da satisfação. Em público, anunciava “trato de sociedade” que “só tinham cavalheiros dos mais ricos e francos da Corte”; na esfera privada, denotava “escassez de meios, senão extrema pobreza”. Tinha “fisionomia tão nobre quanto sedutora” e sentia “algum acanhamento” ao frequentar a casa modesta da amada; parecia-lhe que “derrogava de seus hábitos aristocráticos, e inquietava-o a ideia de macular o primor de sua fina distinção”.<sup>27</sup>

O ser humano era produto da sociedade que o modelava e determinava sua interioridade e exterioridade com práticas equívocas. Fernando era “homem honesto; mas [...] sua honestidade havia tomado essa têmpera flexível de cera que se molda às fantasias da vaidade e aos reclamos da ambição”, bebidos em convívio com a elite, tornando-se leviano, seixo. Embora tido como “incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança [...] professava a moral fácil e cômoda, tão cultivada atualmente em nossa sociedade”, na qual, “tudo é permitido [...] desde que [...] evite o escândalo”. O rapaz “era desses espíritos que preferem a trilha batida” e tinha começado “essa vegetação social” obtendo cargo numa secretaria por instância dos amigos de seu falecido pai, não por título, habilitação, mérito e competência, como deveria, conforme os princípios liberais. Mas, para compensar, buscou, para satisfazer “seu espírito superior campo mais brilhante”, a imprensa.<sup>28</sup>

Na avaliação dos valores e dos comportamentos desse personagem, aponta-se a contraposição do homem naturalmente bom, Fernando, pervertido pelas convenções sociais, pelo artificialismo, Seixas. Contra os costumes amorosos, ele pertencia a uma “classe de homens, criados pela sociedade moderna, e para a qual *o amor deixou de ser um sentimento e tornou-se uma fineza obrigada* entre os cavalheiros e as damas de bom-tom”. O amor era performance, sendo homem “organizado com a molécula do luxo e do galanteio”, que “não se perdoava a imprudência de apaixonar-se por uma moça pobre” com quem “não podia casar...”. Essa “doutrina”, tão difusa, produzia “anomalia psicológica”, da qual “não são raros os exemplos na sociedade atual”, e ia “criando [...] aleijões de homens de bem”, mediante o “falseamento

de certos princípios da moral, dissimulados pela educação e conveniências sociais”. Mentir, trair, seduzir... “eram passes de um jogo social, permitidos pelo código da vida elegante”, que arrastava os frágeis de caráter, “talvez gastos pela educação”. Seixas retratava esse tipo negativo de homens que, “à força de viverem em um mundo de convenção, [...] tornam-se artificiais”; resultava do “embotamento do senso moral, que o influxo de uma civilização adiantada” abortava “no seio de uma sociedade corroída”.<sup>29</sup>

A imagem do homem decaído moralmente, de “alma sucumbida” pelo “fino e delicado materialismo”, diante da “crise tremenda” de consciência instaurada pela postura afrontosa de sua honra pela esposa, por sua recusa, passou por transformações rumo à adequação a uma figura de masculinidade honrada. Ameaçado de perder *status*, tomou a resolução de lutar contra o papel que representava, de “um mísero abandonado da honra, e dos nobres estímulos do homem de bem”. Mudanças de atitudes permearam seu caminho em contraposição ao momento anterior. Se, a princípio, o luxo despertava nele “poderosa sedução”, sendo consumidor das casas mais chiques e requintadas da cidade, dispensou o uso de “todos os objetos de preço” que o cercavam em seu aposento particular. Tornou-se funcionário assíduo na repartição estatal em que tinha emprego, cumpria pontualmente os horários, dedicava “todo esse tempo [...] ao trabalho” e não consumia “como costumava outrora a maior parte dele na palestra e no fumatório”, vivendo “muitos anos à custa do Estado”.<sup>30</sup>

Outra mudança, que indica a honra como símbolo e motivação das atitudes e a dependência da opinião social, apontada em Seixas, era sobre “a gravidade de suas maneiras sempre distintas” e se referia a seu sorriso. “Ainda seus lábios se ornavam de um sorriso frequente; mas esse trazia o reflexo da meditação e não era como dantes um sestro de galanteria”. O novo comportamento do esposo ideal adequava-se ao pensamento corrente em relação às mulheres e ao casamento, mas o invertia ao dizer que o matrimônio era “geralmente considerado como iniciação do mancebo na realidade da vida. Ele prepara a família, a maior e mais séria de todas as responsabilidades.” Porém, “atualmente esse ato solene tem perdido muito de sua importância”.<sup>31</sup>

Nesse contexto, “estranhavam os colegas de Seixas aqueles modos tão diversos dos que tinha antes, em solteiro; e não concebendo que o casamento

mudasse repentinamente a natureza do homem atribuíam a transformação à riqueza; e à modéstia chamaram impostura”. Indagado pela esposa sobre a assiduidade que passou a ter à repartição, declarou que almejava aceso a uma vaga e demonstrava desejo de ascender no trabalho com empenho; interpelado por que ia a pé e não se servia do carro ao sair de casa, como era conveniente a “um cavalheiro distinto”, que distava de “um homem vulgar”, respondeu que preferia “o exercício a pé”, recorrendo ao discurso da higienização e medicalização do físico: era “mais higiênico” e fazia “bem ao corpo e ao espírito”. Não pararam por aí as transformações na vida do rapaz, “a mudança que se havia operado na pessoa de Seixas depois de seu casamento, fez-se igualmente sentir em sua elegância” e “a faceirice que outrora cintilava nele, essa desvanecera-se. [...] já não afetava os requintes da moda”.<sup>32</sup>

Além desses signos exteriores de sua nova situação e postura, outras passagens indicam, ainda, as atitudes esperadas de um marido respeitado às quais buscava adequar-se. Atinha-se ao “direito de exigir dele o respeito, a fidelidade, a convivência, todas as atenções e homenagens, que um homem deve à sua esposa”, além daquele tipo de “amor que se vende”, “postição”. No mercado geral, buscava-se “marido elegante, de boa sociedade e maneiras distintas”, mas o candidato podia fingir-se “sóbrio, econômico, trabalhador” para ajustar-se ao ideal masculino do provedor ou conformar-se a tal modelo de conduta social, quando em solteiro, dissipador e indolente. Deveria “cumprir escrupulosamente todas as *obrigações*” circunscritas aos serviços “que os cavalheiros geralmente prestam às senhoras”, como estar a sua “disposição”, ter por “*dever* acompanhar a mulher quando esta quisesse sair”, oferecer-lhe a mão para ajudá-la a apear-se, conduzi-la pelo braço...<sup>33</sup>

Em tais circunstâncias, se na sociedade era progressiva a tendência à individualização, Seixas vivia o oposto, a “anulação de sua individualidade”. Era “desapercebido como um criado”, mesmo que “criado mais graduado”. Se a rica herdeira precisava de marido, que “era um traste indispensável à mulher honesta” e o “comprara para esse fim”, o rapaz sentia que “sua posição e sua importância eram a mesma, senão menor” do que dos adereços, trajes e luxo da esposa; “considerava-se a igual a do cocheiro que dirigia o carro e do laçao que abria o estribo”. Como o casamento estava associado à ideia de

indissolubilidade, os destinos dos casados “ligados para sempre”, devendo os casados cumprirem com seus deveres, o matrimônio podia converter-se numa “cadeia” da qual só o divórcio podia libertar. Mas essa restituição da liberdade perdida trazia receio ante o “escândalo que produzia” junto à opinião pública, afetando a honra do casal. Logo, se necessária a separação, podia-se recorrer ao alibi ou “pretexto das viagens por moléstia, da mudança de clima, do passeio à Europa” para dissuadir o “tribunal” social. Caso contrário, devia-se garantir a performance esperada, ater às “obrigações” e aos preceitos públicos.<sup>34</sup>

Purgando as humilhações que a esposa lhe infligia, pela inversão por ela implementada das convenções sociais, esgarçava-se o casamento de conveniência. Seixas, pela situação especial de submissão em que a esposa o colocara, buscava entender aquela relação e remetia-se à diversidade dos costumes matrimoniais comuns em outras culturas, à outras perspectivas de masculinidade e feminilidade, relativizando seus primados na busca de saídas de tal condição. Considerou “que o casamento começou por ser a compra da mulher pelo homem” e tratou do ritual presente na cultura plebeia inglesa da venda da esposa como forma de terminar um casamento opressor. Ponderou que, naquele “século, se usava em Inglaterra, como símbolo do divórcio, levar a repudiada ao mercado e vendê-la ao martelo”. Assinalou que havia no Oriente escravas que viviam “em suntuosos palácios, tratadas como rainhas” e problematizou: “– Ora esse poder ou esse luxo que o homem se arrogou, por que não o terá a mulher deste século e desta sociedade, desde que lhe cresce nas mãos o ouro que é afinal o grande legislador, como sumo pontífice?” Sem deter o poder econômico, via-se como marido de uma soberana, “como Scheherazade era mulher do sultão”.<sup>35</sup>

Ao longo de onze meses de vida conjugal, na qual se debatiam duas individualidades em choque devido às inversões produzidas pelo domínio feminino, ocorrera certa “remissão”. Ainda que não desfizesse a pirâmide do poder erguida ao avesso, ao contrário, se o habitual era dizer que o marido deveria exercer sobre a mulher sua influência e fazê-la, era Aurélia quem moldava o esposo. Em Seixas, operou-se uma “revolução” ante os procedimentos da esposa, que, constantemente, trazia à tona a “ideia do mercado aviltante” que fora o casamento no qual o havia “comprado bem

caro”. Ante isso, ela “observava o marido, e assistia comovida à transformação que se fora operando naquele caráter, outrora frágil, mundano e volúbil, a quem uma salutar influência restituía gradualmente à sua natureza generosa”. Ela via “que sua lembrança enchia a vida do marido e a ocupava toda. A cada instante [...] revelava-se essa *possessão* absoluta que tomara naquela alma. Havia em Fernando uma como *repercussão* dela” e “poucas mulheres possuíam, como Aurélia, esposo tão dedicado e tão preso à sua vida. Seixas não estava ausente senão o tempo do emprego; o resto do dia passava-o em sua companhia, na intimidade doméstica, ou nas visitas e reuniões”.<sup>36</sup>

O homem que representava um modelo de masculinidade negativa fora elevado ao papel de esposo devotado à mulher. Desde “os primeiros dias, no seu propósito de passiva obediência, o marido se impusera a tarefa de lhe dar uma conta minuciosa das horas passadas fora de casa, dos acidentes da viagem, dos encontros que fizera, e até dos trabalhos da secretaria”. Tal comportamento, “que não passava de uma ironia [...] veio a tornar-se costume”. Diante da encenação, se “ela que a princípio incomodara-se com a fingida subserviência, não pôde mais tarde dispensar essa confiança que lhe restituía a pequena fração da existência de Seixas, vivida longe de si.” No entanto, “não era unicamente a *possessão* dela pelo amor, que se operara em Seixas; era também a *assimilação* do caráter” e “como todas as almas que se regeneram,” a dele exercia sobre si mesmo uma disciplina rigorosa. “Tinha severidade que em outras circunstâncias havia de lhe parecerem ridículas. A desculpa, o inofensivo pretexto tomavam para ele proporções de mentira. A amabilidade constante e geral era hipocrisia; os indiferentes não tinham direito senão à polidez, e não podiam usurpar os privilégios da amizade.”<sup>37</sup>

Em conversas, passava a reprovar a “existência de negações e galanteios, em que ele consumira os primeiros anos da mocidade. Em qualquer ocasião, revelava-se o seu modo grave e austero de considerar agora a sociedade, e de resolver as questões práticas da vida.” Moldado, “Como uma cera branda, o homem de coração e de honra se formara aos toques da mão de Aurélia”, e a moça sentia “plasmarse de sua alma, a estátua de seu ideal, encarnação de seu amor”. Se antes, como empregado público, orientava-se por práticas fisiológicas e tirava proveitos pessoais, agora, quando comunicado da venda de um

privilégio de exploração de umas minas de cobre em São Paulo, que ele havia facilitado como funcionário do Estado, o primeiro movimento que a notícia produziu nele foi de alegria com o ganho da quantia que tinha para ele um preço incalculável. “Assaltou-o, porém, certo desgosto, pela origem daquele dinheiro. A intervenção de um empregado público nestes negócios, se outrora lhe parecera lícita, já não era apreciada por ele com a mesma tolerância”.<sup>38</sup>

Por fim, mostrando sua redenção, o moço negociou o resgate de sua dignidade e aclamou sua regeneração: “– Eu supunha haver feito uma coisa muito vulgar que o mundo tem admitido com o nome de casamento de conveniência. A senhora desenganou-me: definiu a minha posição com a maior clareza; mostrou que realizara uma transação mercantil; e exibiu o seu título de compra, que naturalmente conserva”. Explicitou seus motivos individuais e ressaltou que, com sua atitude, se depreciava por vender-se, alienava-se, mas dispunha do que lhe pertencia, não subtraía ou roubava, o que seria infame, mantendo, assim, a virtude de respeitar o contrato, ser fiel a palavra dada, de “submeter-se lealmente”. Ainda que no erro, no vício da vida equívoca, conservava alguma “virtude” e dignidade: “A quantia que me faltava há onze meses, na noite de seu casamento, eu a possuo finalmente. Tenho-a comigo; trago-a aqui nesta carteira, e com ela venho negociar o meu resgate”.<sup>39</sup>

Porém, antes de findar a negociação, esclareceu sobre a origem do dinheiro para afastar suspeitas que poderiam recair sobre ele. Havia-o adquirido com o lucro de uma especulação de sua “antiga existência, que findara-se com seu casamento” e com data anterior, somado a seus ordenados, joias e trastes que apurou ao pensar na sua “redenção”. Assim, restituía o papel da venda e partia o vínculo que os prendia, reassumia sua liberdade e posse de si, com a separação. Na procura, ainda, de restituir parte da “estima” de Aurélia para com ele, explicou que agira em conformidade com as normas da sociedade que o educou e o fez “um homem à sua feição”, que se abatera diante de circunstâncias difíceis, enquanto “devia resistir e lutar”, pois nada “justifica a abdicação da dignidade. Hoje saberia afrontar a diversidade, e ser homem; naquele tempo não era mais do que um ator de sala” e sucumbiu, mas que ela o regenerou e utilizou, como “instrumento”, o dinheiro.<sup>40</sup>

Portanto, por meio de Seixas, Alencar, pedagogicamente, inventariou e expôs uma série de comportamentos bastante usuais na sociedade carioca daquele momento, os quais considerava reprováveis e a que se opunha, caracterizando a imagem daquilo que “não deve-ser” um homem. Nesse percurso, pontuou reservas a tais comportamentos, apontou, aqui e acolá, como um homem considerado digno e honrado deveria agir. Já com relação às concepções de amor veiculadas no texto emerge aquela do amor encenado em oposição a de amor romântico, virginal e ideal, também atrelada a Aurélia, que a incorporava. Em vez daquela “espécie de amor” que “se usa na sociedade e que se compra e vende”, ela mantinha “o ideal” de expressão dos “impulsos do sentimento” e não das “seduções do interesse“. O amor era “um pujante afeto, que funde em uma só existência o destino de duas criaturas, e completando-as uma pela outra, forma a família”.<sup>41</sup>

Aurélia, que sofrera com a mãe a sombra do estigma de ser concubina, mesmo sem o ser de verdade, pensava, às vezes, em casar-se. Porém, por observar “o mercado matrimonial” e as conveniências, o “casamento, quando acontecia pensar nele alguma vez apresentava-se a seu espírito como uma coisa confusa e obscura; uma espécie de enigma”, mas que a “envolvia, inundando-a de felicidade”.<sup>42</sup> O tipo de matrimônio observado não permitia viver o amor como a fusão que presumia. Mas, pela educação que recebera e a coerção ligada ao estigma de ser filha de mulher perdida, que vivia como concubina, sabia que só com a celebração do ritual público, ao menos religioso, atingiria a felicidade e se conformaria à sociedade e suas convenções. Situava-se numa encruzilhada que a levava a sítios diferentes e condições opostas, ou seja, das práticas populares contrapostas às dos remediados, que se identificavam com a elite, não tendo clareza do rumo a seguir. Gestara, sem consciência, uma concepção *singular* de vivência amorosa agrupando aspectos retirados de uma e outra via.

Ao contrário dos manuais de comportamento e dos guias dos moralistas, Alencar trabalhava para divulgar novos modelos exemplares, partindo do argumento de alcance e manutenção da felicidade pelo amor. Criava-se um sentido para que se obedecesse a novas regras de civilidade, sem as quais não seria possível que a mulher de elite alcançasse a glória do amor no casamento, constituísse uma família e fosse feliz. A felicidade feminina requeria um

aprendizado e adoção de comportamentos e costumes adequados, compondo uma espécie de “pedagogia do casamento” que guiaria as leitoras.<sup>43</sup>

Já Seixas, adaptado às regras do mundo da elite e aos discursos dos manuais de moralidade, não entendia e nem aceitava o sentimento amoroso como base indispensável da vida conjugal e a postura de desprezo pelos bens materiais. “Encerrar-se no obscuro, mas doce concheiro doméstico; viver das afeições plácidas e íntimas; dedicar-se a formar uma família, onde se revivam e multipliquem as almas que uniu o amor conjugal...”, o que significava casar-se com aquela moça pobre por quem se apaixonara, e ter filhos, “essa felicidade suprema não a compreendia...” Para ele, em acordo com os costumes comuns que propiciavam um matrimônio vantajoso, mas sem amor, “O casamento, visto por este prisma, aparecia-lhe como um degredo, que inspirava-lhe indefinível terror”. Mas, para Aurélia, ainda pobre, o amor era “a felicidade” e na “sua ingenuidade não compreendia [...] a ideia de casamento refletido e preparado”. Porém, ante o desamparo, com a falta da mãe, chegou a pensar “que não tinha direito de sacrificar a um sonho de imaginação” e tendia a ceder às imposições, até que encontrou Fernando; “inebriou-se da suprema felicidade de viver amante e amada”. Aquela afeição era uma “graça que dele recebia”, pois “esse amor a poupava à degradação de um casamento de conveniência”. Adorou Seixas como seu “redentor”.<sup>44</sup>

O sentimento amoroso foi pensado como divino, santificado, luz que ilumina, “fogo sagrado”, “santo afeto”, “elo que prende” as “almas” dos amantes, missão de Deus. Mas, de acordo com os valores sociais da elite, só podia realizar-se com o casamento, pois um simples “galanteio ostensivo projetava sobre a reputação de uma menina, quando não o perfuma os botões de laranjeira a abrir em flor”, uma “sombra”. Portanto, quando Fernando sentiu a “imprudência de apaixonar-se por uma moça pobre e quase órfã”, com quem não podia casar-se, recorreu à ideia da “santidade” do seu amor, que lhe dava “força para resistir a seus próprios impulsos” sensuais de tê-la sem se casar, para justificar o rompimento da promessa. Porém, como Aurélia já havia maturado suas reflexões sobre os sentimentos e as instituições, e tinha “sobre o amor *ideias singulares*, talvez inspiradas pela posição especial em que se achara ao fazer-se moça”, amava “sem condições”, sem perguntar aonde a levaria o amor,

pois era sua “felicidade”. Mas Seixas pensava tê-la por via de um amor culpado, fora do casamento, o que requeria enfrentar “o mundo” e abrir mão da “reputação”.<sup>45</sup>

Para ela, resistindo à normatização conjugalizante, a sociedade tinha “o direito de exigir [...] a dignidade da mulher”, ao interditar a prática sexual, cobrar-lhe castidade. Mas, quanto a seu amor, não devia “contas senão a Deus”, que lhe deu uma alma, e a ele, Fernando, a quem a entregou, sendo “sacrifício” seu “a renúncia de um bem”, a defesa de sua afeição. Referenciada em duas concepções diversas, a moça, presa pelas convenções culturais e suas coerções, esboçou uma solução própria: manter-se digna, não se ligando ao homem que amava por meio do casamento nem outro tipo de união, mas não renunciar de seu santo afeto, pois este a livrava de casar-se por conveniência com um “marido do acaso”. Portanto, a heroína, que havia colocado Fernando como Deus e redentor, amava não o homem, mas o “ideal” criado em imaginação e o que ele significava. Ante a ideia corrente das paixões como perigo e mal feminino – “o coração, e ainda mais o da mulher que é toda ela, representa o caos do mundo moral” e “ninguém sabe que maravilhas ou que monstros vão surgir desses limbos” –, exaltou o amor: “amava mais seu amor do que seu amante; era mais poeta que mulher; preferia o ideal ao homem.”<sup>46</sup>

Seixas, o perfil do homem negativo, que representava as práticas comuns e aceitas pela elite, as quais conhecia e com as quais se identificava, não compreendeu esse amor, “afeição ardente, profunda, sublime de abnegação”, a ponto de dispensar o casamento. Para ele, “o amor deixou de ser um sentimento e tornou-se uma fineza obrigada entre os cavalheiros e as damas de bom-tom”, não sendo “mais do que um capricho, uma doce preferência, um terno devaneio, até que se transforme na amizade conjugal”.<sup>47</sup>

A ideia de comprar o marido vinha da “degradação” de “Seixas, que a tinha abandonado por um dote de trinta contos de réis” e não por amor à outra. Esse “amor que tinha decaído” repercutiu “no ideal que a menina criara em sua imaginação, e imprimia-lhe o estigma. Tudo ela perdoou a seu volúvel amante: menos o tornar-se indigno de seu amor”. Ao se enriquecer, puniu o aviltamento com escárnios e humilhações, castigou Seixas por “seu crime”, impondo-lhe a “humilhação” pela desconfiança de amar sem “nunca ter sido

amada”. Mas Aurélia era amada e amava, e Alencar teceu longo percurso para aproximar o casal, para expurgar as mágoas e as diferenças que os separavam realizando um debate sobre o amor e seus mecanismos, expondo ideias em interação com a cultura europeia e produzindo uma “educação dos sentimentos” que transformasse a realidade vivida.<sup>48</sup>

### **Natureza e amor na ressurreição do degenerado**

Na visão de mundo romântica, o ser humano, como ser natural, tornava-se artificial por meio da educação, e era “o mundo” um “inimigo” a quem devia fugir, pois “deserto moral” no qual “o ouro” tornou “o grande legislador”, convertendo até “casamento de conveniência” em “coisa banal e frequente, que tinha não somente a tolerância, como a consagração da sociedade”. Sociedade “para quem a vida é uma série de etiquetas e cerimônias, regadas pelo uso” e “um mercado”, “aviltante” pelo poder do ouro, que “desprende de si [...] miasmas que produzem febre, e causam vertigens e delírios”, sendo “necessário ter um espírito muito forte, para resistir a essa infecção; ou então possuir algum santo afeto, que o preserve do veneno, sem o que sucumbe-se infalivelmente”. Nessa perspectiva, de homens e mulheres corrompidos pela sociedade urbana, a literatura oferecia aos leitores a possibilidade de resgatar as virtudes naturais e ideais para homens e mulheres.<sup>49</sup>

Num mundo de “homens equívocos, produtos da sociedade moderna”, na qual amor “se vende” em “uma transação mercantil”, o casamento, a postura de desprender da existência imediata hostil foi recorrente. Aurélia “tinha sede de amor”, mas “como não o encontrava na realidade, ia bebê-lo [...] na taça de ouro, que lhe apresentava a fantasia”. Suas atitudes indicam o avanço da noção de individualismo e de uma subjetividade individual, de volta para o “eu” interior profundo e complexo opondo-se ao exterior árido. Deslocava-se para o “mundo da fantasia”, sentia-se aturdida ao descer à realidade porque via o mundo a partir de suas “crenças”, que, no momento, eram “incômodas ilusões de [...] infância com que educou-se”, as quais, só as apagando para “conformar-se à realidade da vida.” Recusava o presente e as perdas de suas ilusões, e construía em imaginação utopias.<sup>50</sup>

Se ela não apagava muitas de suas crenças incutidas em socialização em meio social popular e severo, abandonava outras tantas como “o recato feminino”, tão exigido na sociedade. Agia com “desembaraço”, o que era visto como “efeitos da *emancipação das mulheres*”, como uma “*inversão* que têm sofrido nossos costumes com a invasão das modas estrangeiras”. Rompia, ainda, com os modelos tradicionais hegemônicos de ação feminina, marcado pela passividade, ao possuir disposição “para a luta”, pela “desafronta de seu amor ludibriado”. “Alardeava o deslante” contra o “homem, que a traficava”, punindo-o com escárnio e humilhação, ao contrário de “resignar-se” como as outras mulheres. Seu “desembaraço” incomodava por contrastar com a sociedade que “naquele tempo não tinha admitido ainda *certa emancipação feminina*”.<sup>51</sup>

Tais transformações, atreladas à penetração da cultura estrangeira, sobretudo de Paris, que ditava “o último chique”, inseria Aurélia num contexto amplo de absorção e consideração dos ritos da vida privada burguesa europeia, referentes também à sociabilidade. De acordo com Seixas, se “outrora [...] a família sequestrava a mulher da sociedade”, impondo-lhe a missão de privilegiar as ocasiões de reunião domésticas e de intimidade, por ser a casa o lugar da esposa ideal, nesse momento, uma vasta sociabilidade e desejo de consumo a chamava ao mundo exterior rompendo a clausura. Ela mostrava “pelos divertimentos uma sofreguidão que nunca tivera, nem mesmo em solteira”, entrava “a freqüentar de novo a sociedade [...] com furor e sem repouso”, ia aos teatros, bailes e improvisava partidas, além das “visitas da Rua do Ouvidor, e os piqueniques no Jardim ou Tijuca”, ou fazia “da praia de Botafogo um passeio, à semelhança dos *Bois de Boulogne* em Paris, do *Prater* em Viena, e do *Hyde Park* em Londres”. Percorria com amigas, de carro aberto, “a extensa curva da pitoresca enseada, espairecendo...”. Ao adotar tais hábitos europeus, como o gosto pela beira-mar e pela natureza, causou estranhamento e reações adversas, impondo, por força da coerção da opinião social, que fossem deixados de lado os passeios em carro aberto na praia. “Os passantes olhavam-nas surpresos, e com um aspecto que traduzia a malignidade de suas conjeturas. Aurélia não fazia o mínimo caso dessas caras mexeriqueiras; mas as amigas incomodaram-se; e ela foi obrigada a abandonar o lindo passeio às aves de arribação”.<sup>52</sup>

Se a sociedade educava os indivíduos, fazendo-os “à sua feição”, dourando-os com “vícios” que os impediam de ver “através da fascinação o materialismo a que eles” os arrastava, a natureza era seu contrário, salutar e espiritual, sagrada e divina, mãe, portal para o sobrenatural que transporta o homem matéria para um estado espiritual.<sup>53</sup> Fernando, atolado na crise moral desencadeada pelo casamento e posturas de Aurélia, recorre à natureza, de modo interiorizado e profundo, para restaurar sua força humana debilitada, por ser perpassada de espiritualidade. Em contato com a natureza, Seixas tomou consciência da “energia e veemência do amor” da moça e iniciou sua “regeneração”. Possuindo o amor caráter de trabalho alquímico, de polimento do espelho interior, da alma contemplar a face de Deus e os mistérios do universo, fora numa noite que o rapaz firmou nova posição. Envolto pelos encantos daquela, “Seixas parou um instante a *contemplar* a doce *placidez* da natureza” e a “*calma* suave da noite penetrou-o”, fazendo “relaxar” “as fibras da *alma*” e sentir “com *forças* de encarar a situação a que fora arrastado, e a crise em que se achava sua existência”.<sup>54</sup>

O rapaz, “como homem de sociedade que era, conhecia a natureza de tradição apenas, ou, quando muito, de vista.” Vivendo num mundo de convenções, “esses homens de sociedade tornaram-se *artificiais*. A natureza para ele era “*fictícia*, que o hábito lhes embutiu”. Fernando, em seus versos, por “imitação” aos “poetas da civilização”, falava dela para exprimir a graça da mulher e as emoções do amor, mas “não recebia da realidade essas impressões”. Foi, de modo próprio, que se recolheu junto a ela e com ela integrou-se. Seu afastamento social foi parcial, aquele possível. Na chácara onde morava, passou a percorrer o jardim recortado à inglesa. Ainda que em ambiente natural domesticado, a grande mãe com o filho sintonizou; como profetisa portou revelação que o armou no combate contra o mal. “Havia alguma cousa de *imaterial* que palpitava no seio desse ermo, e que infundia-se em seu ser. Era a *alma da criação que o envolvia*, e comungava com sua alma [...] Com a calma que derramou-se em seu *espírito*, ainda mais robusteceu-se a resolução tomada pouco antes”.<sup>55</sup>

Nova razão se impunha para apreciar a natureza como lugar de emanção de outra riqueza emotiva. Admirando a criação divina,

contemplando-a, se descobria a si, emergia a esperança de encontrar os próprios limites e reencontrar-se. Ela permitia a *introversão*, a descoberta de uma realidade individual, interior e espiritual, complexa e atordoante, perturbadora, incômoda e aborrecedora, que se contrasta com o mundo exterior. Produzia o renascimento ao emanar energia, a alma do criador, que fortalecia o espírito decaído e fraco. Para Seixas, “seu corpo sim estava vendido”, “mas a alma nunca!”; “sentia que a honra não o abandonara; e que se outrora ia-se embotando, esse acidente lhe restituíra o vigor”. Se apegou às coisas simples, tornou-se trabalhador disciplinado, esposo dedicado e preso à mulher, tomado pelo amor e caráter; como alma que se regenerava, rigorosa, severa, grave, austera e honrada, elevava-se. De decaído, melancólico, ao “redimir”, tomou consciência de resistir, “afrontar a adversidade” sem abdicar “da dignidade”.<sup>56</sup>

Aurélia modelou-o com seus preceitos e disciplinas e não ele a ela; aplicou seu sopro sobre a cera branda, dotando-o à sua imagem e semelhança; dos toques de sua mão, surgiu um homem reflexivo e crítico, que arquitetou um plano de resgate e o efetivou, tornando-se uma figura com traços que não eram mais da sociedade de mercado, mas dela. Por essa inversão, que valoriza a atuação feminina e até mesmo a torna superior ao homem, e pela defesa de sua autonomia social contra o conservadorismo da sociedade, Alencar foi acusado de irrealista, de afastar-se da realidade. Mas, como ele enfatizou, não lhe interessava a ação geral, o tipo, e sim a “originalidade e aberração do viver comum”, as “exceções”, que, num projeto pedagógico de transformação social, servisse de exemplo na constituição de outra sociedade.<sup>57</sup>

Porém, no instante derradeiro, essa ação pedagógica deixou de ser uma expressão total e ousada em prol da emancipação feminina. Aurélia desceu do trono, ajoelhou-se aos pés de Fernando, que, como sugere o nome, tornou seu protetor, “suplicando”, “implorando seu perdão” por adorá-lo “como o senhor de sua alma”. Ante a afirmação de que sua riqueza separou-os “para sempre”, instituiu-o seu universal herdeiro, dispondo-se a dissipar seu patrimônio para ficarem juntos. Parece que se retomou a tese de que a mulher era perigosa para a família e a sociedade instituída e devia voltar a seu leito normal, ao domínio dos homens, por agir por instinto, vingando, movida pelas emoções e pelo coração. Mesmo sendo racional, submeteu ou colocou sua inteligência a serviço

da emoção, dos instintos, da vingança. Mas não se pode ser simplista reduzindo toda reflexão ao desfecho final e à ideia de que só o coração feminino representa o caos e a monstruosidade, conforme as doutrinas em circulação. Fernando, que deveria ser a proteção e a razão, caracteriza o caos moral, sendo simbolizado num seixo. Foi o caráter forte da mulher, que pautava suas ações nas “maravilhas” do amor que sentia, que o tirou da degradação.<sup>58</sup>

*Senhora* nos ajuda a compreender algumas representações construídas sobre homens e mulheres numa perspectiva pedagógica que instrui o leitor, por meio de modelos exemplares, a compreender o mundo e a si, a pensar, a sentir e a se comportar. Apresenta um conhecimento sobre as relações entre os gêneros, ao abordar as regras sociais da época em relação às experiências amorosas e às práticas moralmente aceitas, auxiliando na formação de novos cidadãos. Suas figuras idealizadas veiculam mensagens na intenção de forjar uma realidade para além da ficção, orientando e ajudando as pessoas a compreender como deveriam se relacionar ou como se esperava que elas se relacionassem na nova conjuntura social.<sup>59</sup>

Portanto, por mais que Aurélia, na cena final, renda-se e submeta-se ao marido, suas atitudes desviantes, que atravessaram todo o romance, serviam de inspiração, como um tratado e guia para condutas similares. Por mais que a heroína surja como vencida e domada, parecendo retornar as coisas a seus devidos lugares dentro daquilo que era culturalmente estabelecido e hegemônico, ela torna-se um exemplo de novas posturas femininas. Logo, a luz que a moça significou era valiosa, pois clareava a noite escura do viver feminino em toda sua submissão, sendo uma referência de ação e comportamento avesso do tecido social. Essa obra, com sua heroína com capacidade de pensar e agir com uma liberdade incomum, possivelmente, encorajou muitas donzelas e jovens senhoras dominadas pelo poder masculino, do pai ou do marido, a buscar sua libertação, viver no cotidiano cenas da ficção, transformar a realidade na qual se inseriam, ao romper as imposições e coerções sociais.

## Notas

---

\* Doutor em História - PUC/SP, professor do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG/CAC e do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, do Departamento de Letras da UFG/CAC. Bolsista produtividade CNPq. E-mail: valdecirezborges@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> MATOS, Maria Izilda S. de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de M; SOIHET, R.; MATOS, M. I. S. de. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo, EDUC, 1997, pp. 96-7.

<sup>2</sup> GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006, pp. 73-4.

<sup>3</sup> ALENCAR, José de. Senhora. In: \_\_\_\_\_. *Ficção completa e outros escritos*. 3 ed. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1965. v. 1, pp. 716, 719, 738.

<sup>4</sup> *Ibid.*, pp. 726, 741-2, 763-4, 663; PONTIERI, Regina L. *A voragem do olhar*. São Paulo, Perspectiva, 1988. p. 160.

<sup>5</sup> NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. pp. 251-2.

<sup>6</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, p. 664.

<sup>7</sup> *Ibid.*, pp. 664-5, 706.

<sup>8</sup> *Ibid.*, pp. 676-7, 690, 685, 705-6, 714 ; BORGES, Valdeci Rezende. *Imaginário familiar: história da família, do cotidiano e da vida privada na obra de Machado de Assis*. Uberlândia: Aspectus, 2007, pp. 119-120; MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle et al. *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991. pp. 240-1.

<sup>9</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 728-9, 745-7, 836, 683; MARTIN-FUGIER, 1991, p. 241.

<sup>10</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 676-7, 691; RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel*. s/l, RBL, 2001. p. 270.

<sup>11</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 714, 700, 743, 722; SOARES, Ana Carolina Eiras C. Nos caminhos da pena de um romancista do século XIX: o Rio de Janeiro de Diva, Lucíola e Senhora. In: *Revista brasileira de História*. São Paulo, v.30, n. 60, pp.195-209, dez. 2010, p.199.

<sup>12</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 723-7, 747, 744.

<sup>13</sup> *Ibid.*, pp. 745-7.

<sup>14</sup> *Ibid.*, pp. 746-7, 769, 783-5; COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1989. pp. 226-9.; ELIAS, Nobert. *A sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001. p. 112.

<sup>15</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, p. 783. Grifos nossos; ELIAS, 2001, p. 115.

<sup>16</sup> RIBEIRO, 2001, pp. 305-6.

<sup>17</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 765-6, 772, 778-80, 786-7.

<sup>18</sup> *Ibid.*, pp. 712-3, 834-8.

<sup>19</sup> *Ibid.*, pp. 684-5.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 721; COSTA, 1989, pp. 235-7.

- 
- <sup>21</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, p. 673. Grifos nossos; PERROT, A família triunfante. In: PERROT, Michelle et al. *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991. pp. 94-5.
- <sup>22</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, p. 673; BORGES, 2007, pp. 116-7.
- <sup>23</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, p. 663; BORGES, 2007, p. 144.
- <sup>24</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 671, 741-3. Grifos nossos; RIBEIRO, 2001, p. 279.
- <sup>25</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 665, 669, 755-6. Grifos nossos; STEARNS, Peter N. *História das relações de gênero*. São Paulo, Contexto, 2007. p. 15.
- <sup>26</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, p. 806; BORGES, 2007, p. 126.
- <sup>27</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 726-7, 680; HOBBSAWM, Eric. Ideologia secular. In: \_\_\_\_\_. *A era das revoluções (1789- 1848)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. pp. 255-9.
- <sup>28</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 696, 683.
- <sup>29</sup> *Ibid.*, pp. 730-2, 746-7, 751-2. Grifos nossos; ELIAS, 2001, pp. 229, 260.
- <sup>30</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 749-50, 765-6, 679; ELIAS, 2001, pp. 112, 119.
- <sup>31</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 765-6; ELIAS, 2001, pp. 112, 119.
- <sup>32</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 766-8; COSTA, 1989, p. 226 e segs.
- <sup>33</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 771-3, 778-9. Grifos nossos.
- <sup>34</sup> *Ibid.*, pp. 779, 786-8; ELIAS, 2001, p. 112.
- <sup>35</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 806-7; THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. pp. 305-52; STEARNS, 2007, pp. 15-6, 19.
- <sup>36</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 818, 821-2. Grifos nossos; BORGES, 2007, p. 127; COSTA, 1989, pp. 249-54.
- <sup>37</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 822-3.
- <sup>38</sup> *Ibid.*, pp. 823-4.
- <sup>39</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 833-5.
- <sup>40</sup> *Ibid.*, pp. 834-6.
- <sup>41</sup> *Ibid.*, pp. 724-5, 721-2.
- <sup>42</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 721-2; CARNEIRO, Henrique. *A Igreja, a Medicina e o Amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil*. São Paulo, Xamã, 2000, p. 26.
- <sup>43</sup> SOARES, 2010, p.205.
- <sup>44</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 731, 722, 727, 734.
- <sup>45</sup> *Ibid.*, pp. 734, 727, 785, 735, 728, 729, 732; CARNEIRO, 2000, p. 38.
- <sup>46</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 734-5, 727.
- <sup>47</sup> *Ibid.*, pp. 733, 730, 751.
- <sup>48</sup> *Ibid.*, pp. 736, 745; SOARES, 2010, p. 207.
- <sup>49</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 802, 807, 817, 818, 785; SOARES, 2010, p. 197.
- <sup>50</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 777, 771-2, 769, 793-4; LÖWY, M.; SAYRE, R. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993. pp. 23-5.
- <sup>51</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 755-6, 742, 769, 755-6, 663, Grifos nossos.

- 
- <sup>52</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 751, 794, 150-1; CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989; MARTIN-FUGIER, 1991, pp. 228-234.
- <sup>53</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, p. 836; BOSCATO, Luiz Alberto de Lima. O sagrado e a natureza: a *anima mundi* dos alquimistas como resgate do feminino na espiritualidade. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 23, pp. 439-450, nov. 2001. p. 441; CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992. pp. 37-8.
- <sup>54</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 835-6, 751, 749-51. Grifos nossos; LAZARO, André. *Amor: do mito ao mercado*. Petrópolis, Vozes, 1996. p. 112.
- <sup>55</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 751-3, 817. Grifos nossos; BOSCATO, 2001, pp. 439-40.
- <sup>56</sup> CORBIN, 1989, pp. 176-8; ALENCAR, 1965, pp. 817, 822-3, 836, 792. Grifo nosso.
- <sup>57</sup> COUTINHO, Afrânio (org.). *A polêmica Alencar/Nabuco*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, EdUnB, 1978, p. 150; COSTA, 1989, p. 259; PONTIERI, 1988, pp. 158-62.
- <sup>58</sup> ALENCAR, Senhora, 1965, pp. 734, 738.
- <sup>59</sup> SOARES, 2010, pp. 195-7.

Data de envio: 18/07/2012

Data de aceite: 20/09/2012